

Apresentação

Diane Portugueis
Suêlen Cristina de Miranda
Cecília Pescatore Alves
Márcia Maria Cabreira Monteiro de Souza
Sergio Ricciuto Conte
José Carlos A. Pereira

1 INTRODUÇÃO

Qual seria o lugar das migrações e do ser migrante diante das novas insurgências identitárias decorrentes do contexto pandêmico? Com esse questionamento, norteador da composição do Dossiê "*Identidades 'migrantes' e metamorfoses no contexto da pandemia*", inicia-se a apresentação da edição 92 da Revista Travessia.

Segundo reportagem da Agência Brasil, estudos realizados pela Universidade de Kent, no Reino Unido, estimam que a data mais provável para o surgimento do vírus Sars-CoV-2 "é 17 de novembro de 2019, e ele provavelmente já havia se espalhado globalmente em janeiro de 2020" (STANWAY, 2021, s/p.). Portanto, hoje, final de setembro de 2021, decorridos quase dois anos da pandemia do novo coronavírus, atingindo a marca de aproximadamente 4 milhões e meio de mortes globais e 600 mil mortes no Brasil (JOHNS HOPKINS CORONAVIRUS RESOURCE CENTER - CRC, 2021), muito foi discutido a respeito da atuação democrática do vírus quando considerada a universalidade dos grupos em termos de contágio. Entretanto, foi também claramente demonstrado neste tempo de exceção vivido o modo desigual como os diferentes grupos sociais foram atingidos, como transcorreu o auxílio governamental/financeiro brasileiro e, finalmente, como novas barreiras se constituíram e se constituem. O vírus escancarou o que estava velado, ou mesmo aquilo que muitos buscavam não enxergar.

Considerando a vulnerabilidade própria gerada pela condição migrante (LUSSI; MARINUCCI, 2007), a leitura atenta do atual momento sócio-histórico pode revelar tendências sobre como se estruturarão os novos fluxos migratórios, como se reconfigurarão aqueles já em curso e, sobretudo, como se apresentará o impacto das consequências do "novo normal" na configuração dos modos de migrar, na elaboração e transposição de fronteiras físicas ou simbólicas e, acima de tudo, na constituição identitária dos sujeitos em trânsito.

Assim, partindo da concepção de que a singularidade dos indivíduos se constitui enquanto manifestação da totalidade histórico-social, a compreensão da “identidade migrante” e das metamorfoses proporcionadas pelas determinações pandêmicas trata de um compromisso de abertura com a práxis cotidiana, para apreensão do que este grupo tem a dizer e do que sua voz revela sobre a totalidade social. Logo, evidenciar e lançar luz às nuances da emergência sanitária nas singularidades analisadas e suas respectivas intersecções com as múltiplas particularidades históricas, sociais, culturais e políticas é parte do objetivo assumido na composição desta edição da revista.

De acordo com Ricardo Antunes (2020b), o dano social que o vírus desvela vai além do que se pode enxergar no cotidiano. O que se apresenta é a vivência de um capitalismo letal, destrutivo, pandêmico, virótico. A pandemia desnudou o modo como o próprio capitalismo vinha se desenvolvendo, com suas características de flexibilização, informalidade e intermitência, trazendo novas modalidades de precarização. A esse respeito, cabe ressaltar o expressivo segmento do proletariado global, os imigrantes, que simultânea e contraditoriamente são, ao mesmo tempo, imprescindíveis e supérfluos para o sistema do capital:

[...] a pandemia do capital mostrou o flagelo, a virulência, a devastação, que o capitalismo dos nossos dias pratica em relação à classe trabalhadora. E ele é diferenciado. Prejudica mais a classe trabalhadora feminina do que a masculina. Mais a classe trabalhadora negra, do que a branca. Mais a trabalhadora negra do que a mulher branca. Mais a trabalhadora indígena em relação à mulher branca. Mais o trabalhador e trabalhadora imigrante do que o trabalhador nativo (ANTUNES, 2020a, s/p.).

Nesse contexto, exalta-se a abrangência da proposta que abarca a atualidade da discussão envolvendo as migrações e a mudança em curso advinda do impacto ocasionado pela atual crise na tríade política-sociedade-economia, cujas alterações ainda não podem ser totalmente dimensionadas quanto ao futuro das dinâmicas migratórias no globo. Assinala-se, também, a importância das transformações vivenciadas pelo ser migrante tendo como pano de fundo as crises acirradas no contexto da pandemia, destacando o compromisso da organização desta edição com o reconhecimento de possibilidades e impossibilidades de emancipação na sociedade contemporânea, juntamente aos meios de superação de desigualdades e opressões. No tocante à identidade, tema central do presente dossiê, destaca-se que:

A identidade, individual ou coletiva, é sempre a história de nossa metamorfose em busca de emancipação que nos humanize. A emancipação, que dá sentido ético à metamorfose, pode ser impedida ou prejudicada pela violência, pela coerção, invertendo

a metamorfose como desumanização. É assim que se revela a natureza intrinsecamente política da identidade (CIAMPA, 2003, p. 3).

Deste modo, ressalta-se a importância de se fomentar o debate sobre a especial vulnerabilidade do público migrante que envolve crianças, idosos, mulheres, refugiados e o grupo LGBTQ+, refletindo sobre suas condições sociais, redes de apoio e as razões de seus deslocamentos, bem como o seu protagonismo expresso na capacidade, individual ou coletiva, de forjar estratégias de sobrevivência adaptativas frente a possibilidades emancipatórias.

2 O DOSSIÊ

As contribuições para o dossiê “Identidades ‘migrantes’ e metamorfoses no contexto da pandemia” abrangem sete textos em diversos formatos, quais sejam: artigos científicos (três), relatos (dois), crônica (um) e conto (um). Além de abarcar diversas disciplinas, como ciências sociais, ciência da religião, psicologia e educação, também exploram uma diversidade de localidades geográficas, tanto nacionais, como Boa Vista (RR) e São Paulo (SP), quanto internacionais, como Estados Unidos, Inglaterra e Argentina. Tais características marcam o caráter multidisciplinar e multiterritorial dessa publicação, com o objetivo de abordar a complexidade identitária do “ser migrante” na contemporaneidade e os múltiplos atravessamentos pandêmicos.

Os primeiros três textos centram-se em análises focadas nas narrativas de migrantes acerca dos motivos e adversidades enfrentadas nos territórios de origem e/ou de destino. Nesse tocante, Caobe Lucas Rodrigues de Sousa e Márcia Maria de Oliveira, no artigo *“Entre fronteiras nacionais e sexuais: narrativas de venezuelanos ‘gays’ em Boa Vista, Roraima”*, nos apresentam um relato de pesquisa cujo objetivo se constituiu na compreensão do processo de mobilidade ocorrido no município de Boa Vista por venezuelanos que se identificam como homossexuais masculinos ou “gays”. As narrativas dos três entrevistados foram analisadas interdisciplinarmente pelos pesquisadores, de modo que, ao interseccionarem migração, diversidade de gênero e sexualidade, puderam evidenciar que a experiência de dissidência sexual e nacional provoca o contato com diferentes tipos de violações, mas gera estratégias de sobrevivência também diversas, sobretudo em tempos pandêmicos. Em nenhum momento identificou-se agravamento na exposição da dualidade migrante e “gay”.

No segundo artigo, intitulado *“Comunidades religiosas e redes migratórias: o caso dos haitianos no Brasil”*, a questão das estratégias de sobrevivência também é tema de reflexão de Bernadete Alves de Medeiros Marcelino, que a discute considerando a multiplicidade de situações problemáticas que envolve o migrante em um território diferente. Para a análise proposta, a autora parte do contexto da população que se desloca com o objetivo de buscar melhores condições de vida e se envereda por caminhos de tragédias, sofrimentos e angústias pelo desconhecido. Por meio de pesquisa etnográfica,

levantamento bibliográfico e entrevistas abertas em comunidades evangélicas haitianas localizadas na periferia paulistana verificou-se que as relações que se estabelecem, tanto nos locais de origem como de destino, entre os migrantes, não migrantes e antigos migrantes são estratégias de sobrevivência que tornam possíveis as redes migratórias. Estas, entretanto, possuem dupla face: se, por um lado, podem beneficiar o migrante, por outro, existem as redes que objetivam benefícios econômicos e atuam de maneira ilegal com características abusivas. Nesse sentido, a pesquisa realizada observou que a comunidade religiosa de haitianos investigada busca atender necessidades diversas de seus adeptos e, sobretudo, se caracteriza como uma extensão da rede migratória no país.

No artigo *“Refazer-se: ser migrante em tempos de pandemia”*, Darci Donizetti da Silva se propõe refletir acerca da identidade como processo de metamorfose a partir da narrativa de uma migrante brasileira que reside em Boston, estado de Massachusetts, nos EUA, no momento da pandemia. O tema dos desafios enfrentados pelo migrante, recorrente nos artigos anteriores, também é abordado pelo autor, mas este acrescenta a complexidade ocorrida frente ao fenômeno pandêmico, com uma entrevista realizada no ano de 2020, logo no início do processo de crise sanitária e isolamento social, e outra dez meses depois, no começo de 2021. Esta comparação pode revelar através do tempo que a pandemia tem potencializado tanto os desafios vividos pelo migrante, intensificando situações de dor, medo e constrangimento, como também as experiências e aprendizagens ocorridas mediante situações de conflito que exigiam decisões imediatas. Deste modo, a identidade da narradora se evidencia enquanto um processo de metamorfose contínua na atividade, em momento de adversidade intensa, na medida que exige estratégias de sobrevivência ainda não experienciadas.

Em *“Saudade de minha terra” – relato de interações com migrantes em UTI hospitalar, durante a pandemia de Covid-19*, Ludmila Montandon Piro e Luciane de Andrade Barreto retratam a experiência, como estagiária e supervisora de Psicologia da Saúde respectivamente, com migrantes internos em situação de internação na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) de um hospital público da cidade de São Paulo. As autoras exploram as vivências de desterritorialização e mesmice identitária provocadas pelo contexto hospitalar, que foram agravadas pelas limitações impostas pela pandemia no que tange a necessidade de isolamento social e a proibição de visitas físicas pela família. Por meio de seis histórias, abrangendo pacientes de diferentes idades e localidades, tem-se o relato dos desdobramentos da estratégia envolvendo visitas virtuais com a intermediação de profissionais da saúde, musicistas e contadores de histórias. Nesse sentido, o contato com as referências culturais e familiares se mostrou altamente terapêutico, pois, ao promover o resgate do sentimento de pertencimento que fica obscurecido pela estigmatização e impessoalidade vivenciados como “paciente”, tornou possíveis metamorfoses com sentido emancipatório, abrangendo o reconhecimento das singularidades de cada um como “sujeito autônomo”.

Ainda sobre pertencimento, Thaís Junqueira Franco traz, em seu relato “*A melhor comida do mundo*”, sua experiência enquanto pesquisadora brasileira imigrante na Inglaterra. Ao descrever o estranhamento proporcionado pela ruptura com o seu quadro de referência de origem e a necessária tradução da tradição às determinações objetivas do destino, a autora apresenta o sentimento de inadequação vivenciado até a integração e o quanto esse período de “transição” se torna mais problemático diante do isolamento social exigido pela pandemia. Nesse cenário, o aspecto identitário ganha relevância via memórias e recordações, com destaque para o papel da “comida” como ligação afetiva com o Brasil e, mais especificamente, do “arroz com feijão” como símbolo cultural da miscigenação e diversidade. Em comparação, aparece a importância do “curry” como prato oficial da Inglaterra e sua construção histórica advinda da “apropriação culinária” promovida pela colonização inglesa na Índia, que obviamente não foi acompanhada por uma identificação com a cultura indiana. Assim sendo, o texto apresenta a proximidade dos termos “consumir” e “apropriar”, concluindo que o consumo consciente deve acompanhar um reconhecimento mais horizontal e igualitário dos povos, que respeite as tradições e o valor histórico-cultural de cada lugar.

Na crônica “*¿Qué tienen que ver Belchior y Emicida con nuestra salida a dar una vuelta? crônica de la atención con un migrante durante la pandemia*”, escrita pela psicanalista Priscila Caitano de Santana, é possível adentrar a construção e o sentido da relação terapêutica que se estabelece entre terapeuta e cliente. Tal apreensão acontece durante a leitura atenta das nuances do diálogo telefônico entre o paciente migrante e sua psicanalista, no decorrer de um passeio por São Paulo. O mergulho na sensação provocada pelo que se estabelece durante a conversa nos leva ao entendimento de que, mesmo “a comunicação não sendo linear, ambos criam um espaço seguro em que a linguagem é ressignificada e cotidiano e subjetividade se fundem”.

Encerra o conjunto que compõe o dossiê o conto “*Acontece que era 2020*”, de autoria de Vivian Valentim de Souza, no qual somos convidados a conhecer sobre a vida de um artesão andarilho e sua jornada ante o inesperado. O artesão, cidadão do mundo, que se apaixona, descobre logo que se tornará pai e tem então o encontro com sua filha adiado pelas fronteiras impostas pelo vírus “misterioso que se propagava rapidamente”. O conto é um choque de realidade e um convite à reflexão sobre as vicissitudes e complexidades desencadeadas na vida de um imigrante indocumentado que busca se estabelecer e estar próximo de sua jovem família.

3 ARTIGOS

Cinco artigos ainda compõem esta Edição 92 de Travessia.

O texto “*Filipinas em São Paulo: migração de mulheres e trabalho doméstico no Sul global*” de Ester G. Martins aborda sobre mulheres filipinas “que se inserem como trabalhadoras doméstica na cidade de São Paulo”. A autora

articula objetivos e subjetividades do projeto migratório dessas mulheres às políticas migratórias e exigências engendradas pelo Estado filipino, bem como às dinâmicas de um mercado global de cuidados.

Em *“O processo migratório de mulheres angolanas grávidas e/ou com filhos para São Paulo (2013 A 2018)”*, Dirce Trevisi Prado Novaes procura “mapear as estratégias migratórias adotadas por mulheres angolanas como parte de seus projetos migratórios, considerando principalmente a regularização migratória por filho nascido no Brasil e a busca por melhores condições de saúde e educação para elas, seus filhos e suas famílias”. O texto ainda aborda questões relevantes como a feminização da migração no âmbito das migrações transnacionais e migrações Sul-Sul.

Juliana Carvalho Ribeiro aborda sobre a *“Territorialização da bolivianidade: imigração na região metropolitana de Belo Horizonte-Minas Gerais”*. A autora explora como “a RMBH-MG expressa a mobilidade de bolivianas e bolivianos na produção global e regional da costura, impulsionando a produção de territorialidades, e conectando o novo espaço da migração à origem. A aplicação de entrevistas qualitativas permitiu a compreensão da construção social da vida de bolivianas e de bolivianos e da relação desses sujeitos com a cidade, processo que identificamos e nomeamos como ‘territorialização da bolivianidade’ na RMBH-MG”. Juliana Ribeiro desenvolve o conceito de “quadra-mundo” como expressão das vivências laborais, educacionais, de cuidados com a saúde, de lazer de encontros festivos e de organização social desses imigrantes na construção de sua territorialidade.

O texto *“Exclusão do refúgio na caravana centro-americana – 2018”* é de autoria coletiva, Beatriz de Barros Souza, Brunela Vieira de Vincenzi, Igor Pereira do Rosário Guimarães, Isabel Caetano Valotto e Mariana Cardoni Bernardino Alves analisam e criticam critérios convencionais utilizados por diversos países para negar o visto de refugiado e bloquear acesso a direitos humanos aos migrantes. Seu foco analítico se baseia no caso da caravana de imigrantes centro-americanos partindo do México para os Estados Unidos da América em 2018.

Rosane da Conceição Pereira completa o conjunto de artigos com *“As tecnologias da informação e comunicação a serviço do exercício dos direitos humanos de refugiados em campanhas digitais: uma proposta de análise do discurso sobre ciência, ética, cultura, educação e artes do vídeo, com resistências e formas alternativas de organização social na pandemia”*. A autora propõe uma “análise discursiva crítica acerca de campanhas digitais sobre refugiados no Brasil. Sua interpretação considera “que as tecnologias da informação e comunicação, ora imaginadas como meios digitais contendo campanhas sobre os refugiados no país, ou que a ciência social da comunicação aplicada às artes do vídeo, tornam visível / dizem / mostram o exercício dos direitos humanos desses sujeitos, expressando seus pontos de resistências e formas alternativas de organização social nos grupos em rede frente aos discursos oficiais na mídia, no contexto da pandemia”.

A despeito de figurarem como “artigos avulsos” em relação ao Dossiê “Identidades ‘migrantes’ e metamorfoses no contexto da pandemia” e apresentarem enfoques analíticos autônomos, os artigos também estabelecem

uma interlocução entre si e com o supracitado dossiê. A interlocução abarca ao menos quatro temas caros aos migrantes, como sujeitos ativos do fenômeno migratório, mas também caros aos estudos desse fenômeno:

- a) o protagonismo dos migrantes expresso nas suas capacidades de articulação, resiliência, ainda que sob condição de extrema vulnerabilidade social multiplicada e exposta pela pandemia da Covid-19 e pela pouca disposição ou baixa capacidade do Estado, em suas diferentes esferas, de responder satisfatoriamente às demandas de acolhimento e cidadania apresentadas por migrantes e refugiados;
- b) a feminização da migração, não apenas como questão epistemológica mas também como realidade cada vez mais expressiva e desafiadora para os protagonistas do fenômeno migratório e, sobretudo, para gestores públicos empenhados na formulação e implementação de políticas públicas voltadas às mulheres migrantes que, invariavelmente, enfrentam condições de vulnerabilidades ainda maiores que os homens;
- c) a territorialidade, um reflexo direto do protagonismo, que é construída e reconstruída – através das redes, dos espaços de lazer e convivência coletiva, das trocas de informações, da mobilização e empoderamento político etc. – a cada novo passo ou a cada travessia dos migrantes como uma forma de resiliência e contraponto à sua condição de vulnerabilidade política e social contrastante com a pujança do capital que os expulsa e os atrai conforme os interesses por menores custos e maiores lucros na realização da produção;
- d) o enfoque analítico que conecta realidades locais às experiências econômicas e políticas globais. O dossiê e os artigos nos convidam a olhar mais a fundo as cognominadas migrações sul-sul que, a despeito de seu caráter regional e de sua figuração como alternativa ao recrudescimento e expansão da xenofobia no norte global, também apresentam negação ou bloqueios significativos ao acesso a direitos humanos e de cidadania aos migrantes que circulam na região. A pandemia não apenas expôs com maior nitidez essa problemática, como a acentuou no rastro de decretos governamentais inconstitucionais, publicados por diversos Estados da região, dentre eles o Brasil¹, e que buscaram cercear ainda mais os direitos dos migrantes, sendo que, em muitas situações os forçaram a imobilidade em praças públicas ou em fronteiras geográficas à espera angustiante por um visto de passagem ou de acolhimento². Sua acolhida, em geral provisória, tem sido proporcionada por redes de solidariedade constituídas por eles mesmos ou por instituições sociais ancoradas no imperativo categórico, político e social proposto por Hannah Arendt (2009), isto é, o “direito a ter direitos” como fundamento da cidadania e da condição humana.

Ainda cabem umas palavras sobre a arte da capa. Sergio Ricciuto Conte, capista da Travessia, nos apresenta uma arte que propõe o tema do migrante como alegoria do masculino e do feminino num intercâmbio de identidades. Há uma evocação de imagens que vai do olhar particular ao mais abrangente. Há um chapéu colorido quebrando estereótipos padronizados de cultura, de identidade, de gênero, de sexualidade. A figura representa a mudança de roupas, de identidade, a diversidade cultural e a própria dinâmica das migrações; nos remete a uma pessoa carregando uma mochila que se transforma em uma casa com possibilidades de chegadas e partidas.

Há traços que remetem a alguém migrante, em processo de mudanças, mas que também evocam a uma conexão com a própria raiz dessa pessoa, na medida em que ela vivencia paradigmas antigos da sua cultura em meio a novos paradigmas do processo histórico presente; a alguém que é visto por outro como sendo uma pessoa que não faz parte de determinado contexto temporal, geográfico, cultural. Ou seja, um migrante não apenas de um país para outro, mas também um migrante dentro da sua própria pátria; uma migração não só física, mas cultural, perceptiva, com toda a problemática da discriminação, da xenofobia, da acolhida que vêm à tona nas idas e vindas de uma travessia. A alegoria remete a uma pessoa que sempre tem identidade, raízes, mas identidade e raízes móveis, dinâmicas.

E no fundo há uma paisagem que de escuro se torna claro e que remete a uma certa angústia por viver sempre em fronteiras, de construir e ressignificar territórios, de ter de saber interpretar, como diria Carlos Drummond de Andrade ([1940] 2012), “o tempo presente, os homens presentes, a vida presente” e, concomitantemente, o passado e o futuro. Pois, há uma força do passado que se apresenta como âncora para encarar e superar desafios, mas que também pode ser um peso em face aos novos tempos, aos novos hábitos que se interpõem ao longo da fronteira, da travessia. De imediato essas questões podem não ser captadas na alegoria proposta. Contudo, de acordo com a subjetividade de cada olhar, a alegoria informa sobre travessias migratórias dentro e fora da própria pátria, dentro e fora de nós mesmos.

Ademais, a alegoria se vincula diretamente aos elementos textuais dessa edição 92 que apresenta venezuelanos/as, haitianos/as, bolivianas/os, filipinas, brasileiras/os, homens e mulheres migrantes com histórias e trajetórias distintas, a partir de seus respectivos tempos, locais e raízes, mas que se interconectam com tramas sociais globalizadas que não estão “apenas lá fora”, estão também nos nossos locais e dentro de nós mesmos. Tramas globalizadas que estimulam mobilidades e imobilidades de homens e mulheres migrantes produzidos por - e produtores de - novos tempos, novos rumos, novas tecnologias de informação, comunicação e expressão, novas esperanças, nova vida para si mesmos, para o outro, para nós. E tudo isso numa sociedade moderna, fronteira, em permanente transformação, em um mundo que se metamorfoseia desestabilizando certezas, impondo eventos e processos que, por um lado, se circunscrevem às dimensões da política, do trabalho, da economia, da comunicação, por outro, também rompem essas dimensões exigindo novas interpretações, conceitos, formas de estar e de fazer o ambiente, o mundo, para dialogar com Ulrich Beck (2018).

Em síntese, são migrantes intercambiando costumes, formas de comunicação, culturas e identidades que contribuem para mover e metamorfosear, no tempo e no espaço, a complexa e desafiadora roda da história.

NOTAS

¹ No caso do Brasil, de março de 2020 até outubro de 2021, o governo federal publicou 33 Portarias que restringiam, em caráter excepcional e temporário, a entrada de imigrantes, inclusive de solicitantes de refúgio, o que infringe Tratados internacionais sobre o direito de solicitar refúgio, dos quais o Brasil é signatário, como o Estatuto dos Refugiados de 1951 e o Protocolo de 1967. Veja, no apêndice dessa edição, uma Tabela com as referidas Portarias. É importante notar que a maioria delas retoma o termo “estrangeiro”, antes utilizado no “Estatuto do estrangeiro” (Lei nº 6.815/80), que foi revogado pela nova Lei de Migração (Lei nº 13.445/17). Esta lei, mesmo com lacunas, orienta o tratamento institucional e social com os migrantes na perspectiva dos Direitos Humanos. Dentre outros avanços, a Lei 13.445/17 adotou o uso do termo “migrante” em vez de “estrangeiro”, cujo significado evoca sentidos pejorativos como “não pertencente”, “de fora”, “alienígena”, “estranho”, e que favorecem práticas xenófobas e negação de direitos. A retomada do termo “estrangeiro” pelas Portarias já é, em si, um retrocesso em relação a nova Lei de Migração. Agradecemos a Leticia Carvalho pela compilação e gentileza de nos ceder a lista de Portarias que disponibilizamos.

² Veja a importante publicação “Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil - resultados de pesquisa”, sob a coordenação de Duval Magalhães e Rosana Baeninger (2020). Campinas-SP: Núcleo de Estudos da População “Elza Berquó” - NEPO/UNICAMP, 2020.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, [1940] 2012. 1ª Ed.
- ANTUNES, R. “Pandemia desnuda perversidades do capital contra trabalhadores”. [Entrevista cedida a] Lú Sodré. **Rádio Brasil de Fato**, Podcasts, Mundo do Trabalho, 27 jun. 2020a. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/27/ricardo-antunes-pandemia-desnuda-perversidades-do-capital-contra-trabalhadores>>. Acesso em: 27 set. 2021.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020b.
- ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009
- BECK, U. **A metamorfose do mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 1ª Ed.
- CIAMPA, A. C. **A identidade social como metamorfose humana em busca da emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico**. In: Congresso Interamericano da Sociedade Interamericana de Psicologia, XXIX, jul. 2003, Lima, Texto de Conferência. (mimeo) p. 1-15.
- FERNANDES, D.; BAENINGER, R. (Coords.) **Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil - resultados de pesquisa**. Campinas-SP: Núcleo de Estudos da População “Elza Berquó” - NEPO/UNICAMP, 2020.
- JOHNS HOPKINS CORONAVIRUS RESOURCE CENTER – CRC. **Home**. Johns Hopkins University. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/>>. Acesso em: 27 set. 2021.

LUSSI, C.; MARINUCCI, R. **Vulnerabilidade social em contexto migratório**. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 2007. Disponível em: <https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2018/08/vulnerabilidades_dos_migrantes.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

STANWAY, D. Primeiro caso de covid-19 pode ter surgido na China em outubro de 2019. **Agência Brasil**, Internacional, 25 jun. 2021. Reportagem adicional de Kanishka Singh e Vishal Vivek, Reuters, Xanghi. Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/internacional/noticia/>>

2021-06/primeiro-caso-de-covid-19-pode-ter-surgido-na-china-em-outubro-de-2019>. Acesso em: 27 set. 2021.

Sobre as organizadoras do Dossiê

Diane Portuguesa

Pós-Doutoranda, doutora e mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose (Nepim), vinculado ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Identidade Humana do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Suêlen Cristina de Miranda

Doutoranda e Mestre (2017) em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose (Nepim), vinculado ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Identidade Humana do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Coursou extensão universitária em Analista de Recursos Humanos pela Fundação Getúlio Vargas (2013) e graduação em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2011).

Cecília Pescatore Alves

Doutora e mestra em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), psicóloga. Professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Psicologia Social da PUC-SP, onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose (Nepim), e no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciência Humanas e da Saúde, Departamento de Psicologia Social, da mesma universidade.

Márcia Maria Cabreira Monteiro de Souza

Doutora, mestre, licenciada e bacharel em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professora doutora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora de Geografia do Brasil da Escola Graduada de São Paulo no International Baccalaureat. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de geografia, metodologia de ensino em geografia, estudos migratórios e questão ambiental.